



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE CENTRO CEDUC
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

NAYHARA GABRIELLA LOPES BEZERRA

**“UM GRÃO DE MOSTARDA”
PRÁTICAS DE RESISTÊNCIAS DE CATÓLICAS FEMINISTAS, EM CAMPINA
GRANDE - PB**

**CAMPINA GRANDE –PB
2019**

NAYHARA GABRIELLA LOPES BEZERRA

**“UM GRÃO DE MOSTARDA”
PRÁTICAS DE RESISTÊNCIAS DE CATÓLICAS FEMINISTAS, EM CAMPINA
GRANDE - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Programa de Graduação em Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba como requisito obrigatório à obtenção do título de Licenciatura em História.

Área de concentração: História Cultural.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Jussara Natalia Moreira Bérens.

CAMPINA GRANDE-PB
2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B574u Bezerra, Nayhara Gabriella Lopes.
"Um grão de mostarda" [manuscrito] : práticas de resistências de católicas feministas, em Campina Grande - PB / Nayhara Gabriella Lopes Bezerra. - 2019.
30 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Jussara Natália Moreira Bélens, Coordenação do Curso de História - CEDUC."
1. História cultural. 2. Narrativa teológica. 3. Prática de resistência. 4. Teologia feminista. I. Título
21. ed. CDD 907

NAYHARA GABRIELLA LOPES BEZERRA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Programa de Graduação em Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba como requisito obrigatório à obtenção do título de Licenciatura em História.

Área de concentração: História Cultural.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Jussara Natalia Moreira Bélen.

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.ª Dra. Jussara Natália Moreira Bélen (UEPB) – (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba.

Prof.ª Dra. Jussara Carneiro Costa (UEPB) – Examinador I
Universidade Estadual da Paraíba.

Prof.ª Dra. Patrícia Cristina de Aragão – Examinador II
Universidade Estadual da Paraíba.

CAMPINA GRANDE-PB
2019

Às mulheres cristãs da minha família,
DEDICO.

“A pretensão à universalidade não é mais que isso, ou seja, uma pretensão. No seio daqueles a que chamamos católicos há uma pluralidade imensa, a partir dos nossos corpos, de nossa sexualidade, de nossa afetividade, de nosso direito de pensar nossos corpos de maneira diferente. E isto produziu uma ruptura na hegemonia católica” (Seminário Internacional de Católicas pelo direito de decidir – GEBARA, 2012, p. 59).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 RELAÇÕES DE PODER SABER ENTRE A IGREJA CATÓLICA E AS CATÓLICAS FEMINISTAS	11
3 PRÁTICAS DE RESISTÊNCIAS COTIDIANAS DE FEMINISTAS CATÓLICAS..	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	27

“UM GRÃO DE MOSTARDA”¹

PRÁTICAS DE RESISTÊNCIAS DE CATÓLICAS FEMINISTAS, EM CAMPINA GRANDE - PB

Nayhara Gabriella Lopes Bezerra²

RESUMO

Este artigo, elaborado em uma perspectiva da História Cultural, tem o objetivo de mostrar como as narrativas teológicas, determinada pela hierarquia eclesial da Igreja Católica, produziram um saber para o feminino, fazendo um contraponto com o saber da Teologia Feminista. Esta se configura como um saber que provoca rupturas nas práticas e nas maneiras de pensar o mundo, uma vez que acolhe as mulheres na pluralidade, no direito de viver e de reinterpretar o cristianismo de outras maneiras. Assim, temos como principal objetivo discutir esses novos saberes e práticas de resistência de mulheres Católicas Feministas que atuam com a Teologia Feminista, na cidade de Campina Grande-PB, a partir de um saber teológico que produz outra interpretação da fé cristã, a qual questiona saberes ditos oficiais. Quanto a isto Certeau (2008) chama de práticas de resistências e práticas ordinárias para burlar e produzir uma nova realidade política, cultural e social, para que as mulheres se tornem sujeitos da sua própria experiência de fé. O estudo resulta de uma pesquisa de campo por meio de entrevistas e pesquisa bibliográfica, cuja reflexão e análise se dão à luz do referencial teórico dos conceitos de relações de gênero com Joan Scott (1989); de poder saber de Michel Foucault (2015) e de práticas fundamentadas na compreensão de Michel de Certeau (2008).

Palavras-Chaves: Poder Saber. Prática de resistência. Teologia Feminista.

ABSTRACT

This article, elaborated from a Cultural History perspective, aims to show how the theological narratives, determined by the ecclesial hierarchy of the Catholic Church, produced a lore for the feminine, making a counterpoint with the theory of feminist theology. Said theory, causes ruptures in the practices and ways of thinking the world, since it welcomes women in plurality, in the right to live and to reinterpret Christianity in other ways. Thus, we have the main objective to discuss the new theory and the practices of resistance performed by Feminist Catholic women who work with Feminist Theology in the city of Campina Grande-PB, based on a theological guideline that produces another interpretation of the Christian faith and questions official instruction. Regarding this, Certeau (2008) calls for practices of resistance and ordinary practices to circumvent and produce a new political, cultural and social reality, so that women become subjects of their own experience of faith. The study results from a field research through interviews and bibliographical research, whose reflection and analysis are taken in light of the theoretical reference of the concepts of gender relations with Joan Scott (1989); power and knowledge of Michel Foucault (2015) and practices based on the understanding of Michel de Certeau (2008).

Keywords: Power; Knowledge; Practices of resistance; Feminist Theology.

¹ Referência à narrativa de Maria Auxiliadora, em que a autora tece uma comparação entre a atuação da Teologia Feminista com um grão de mostarda.

² Estudante de graduação do curso de Licenciatura em História (Campus I – UEPB).

E-mail: nayharagabriella@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

“À mulher, disse Deus: “Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio a dores dará à luz os teus filhos; o teu desejo será para o teu marido e ele te governará”. E a Adão, disse: “Visto que atendeste a voz de tua mulher e comeste da árvore que eu te ordenara não comesses maldita é a terra por tua causa; em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida”. Ela produzirá também cardos (espinhos) e abrolhos e tu comerás a erva do campo. “Com o suor do rosto comerás o teu pão até que tornes a terra, pois dela foste formado; porque tu és pó e ao pó tornarás” (GÊNESIS – A QUEDA, 2004, p. 51).

O livro de gênesis (2004, p. 51) já colocava: “o labor feminino será a dor do parto e a sua submissão ao homem, aí estava selado o seu destino”. Não que seja a bíblia a determinante para o futuro de todas as mulheres, sabemos que tal sujeição vem de muito antes, mas ela é, no ocidente cristão, a narrativa sobre a qual mais repousa a determinação do lugar social que deve ser desempenhado pelo sexo feminino. Encontramos regularidades ao destacarmos que mesmo instituições de saberes laicos, racionais científicos concordam que às mulheres cabe o cuidado a prole e a administração da casa, ou seja, o privado. Aos homens cabiam todos os outros espaços, mais precisamente, públicos.

No ano de 1980, no Brasil, surgem novas produções acadêmicas sobre as mulheres. E isto floresce um conjunto de estudos preocupados em revelar a presença feminina atuando na vida social, a qual reinventa seu cotidiano, cria práticas e formas de resistência em relação às estratégias sexistas de poder difusas em diferentes espaços de sociabilidades, elaborando táticas sobre a dominação masculina. No campo dos estudos das ciências humanas e sociais, particularmente, amplia-se o leque temático não apenas em relação à incorporação de novos agentes sociais como as mulheres, mas principalmente em relação à dimensão da vida social e da sensibilidade de temas como a história do corpo e da sexualidade, incorporando, assim, novos objetos históricos.

A História Cultural tem uma grande contribuição nos estudos de “práticas” e “representações”. Estes são apenas alguns dos conceitos os quais tem se desdobrado a História Cultural desde as últimas décadas do século XX. Em linhas gerais, pode-se dizer que as diversas correntes identificáveis no âmbito da História Cultural relacionam-se a diálogos interdisciplinares mais específicos, envolvendo as relações da História com outros campos de saber, como a antropologia, sociologia, psicologia ou a ciência política.

Assim, a História Cultural tem se voltado para os aspectos discursivos e simbólicos da vida sociocultural. Michel de Certeau (2008) é aqui influência importante. O mesmo se pode dizer com respeito à contribuição da Análise de Discurso de Michel Foucault (2015). Recolocar a noção de discurso no centro da História Cultural é considerar que a narrativa e as experiências

constituem parte da construção da vida social. Embasam, portanto, uma noção mais ampla de Cultura. Logo, “Comunicar” é produzir Cultura, reconhecida entre Cultura Oral e Cultura Escrita – sem falar que o sujeito se comunica através dos gestos, do corpo e da sua maneira de estar no mundo social, isto é, do seu “modo de vida”.

A Teologia, assim como vários outros domínios do conhecimento, ao longo de muitos anos se caracterizou como um saber masculino, não só pela grande representatividade desses sujeitos, mas porque toda a sua construção foi realizada a partir da visão masculina.

Logo, esta pesquisa, inspirada em uma perspectiva da História Cultural, percebeu que a História das Mulheres adquiriu expressão a partir década de 1970, por meio de questionamentos feministas e por mudanças que ocorriam na historiografia, entre as quais, a ênfase em temas como família, sexualidade, representações, cotidiano e grupos "excluídos" ganhava destaque.

Mediante essas considerações, este artigo embasa-se na crítica feminista e na abordagem dos estudos de gênero, em um contexto sociocultural de lutas feministas e de diferentes organizações de mulheres, na década 1970³. Vale destacar que, apesar dessas temáticas virem ganhando espaço de discussão, é somente na década de 1980 que a Teologia Feminista ganha força e legitimidade acadêmica no Brasil, cuja produção também é possível pelo diálogo que se estabelece com as teorias feministas de diferentes áreas acadêmicas.

Uma das principais responsáveis desse estudo, no Brasil, é a Pernambucana Ivone Gebara. Teóloga e Feminista, ela critica o passado e o presente da Igreja patriarcal e, ao mesmo tempo, questiona os escritos bíblicos no sentido de que o pensamento tradicional da Igreja Católica institucionalizou a reprodução de vários comportamentos, conferindo à figura feminina o lugar de subalterna e marginalizada. Logo, isso acabava aumentando as disparidades de gênero. Nesse sentido, a Teologia Feminista cria possibilidades para recuperar a participação feminina no cristianismo e na sociedade, exigindo uma mudança nas estruturas sociais e na construção de uma teologia de libertação para todos.

Considerável também para a pesquisa são as análises de Joan Scott (1989) em torno do conceito de gênero e de como trabalhá-lo historicamente. Scott (1989) propõe que devemos entender a construção social dos gêneros e não os aceitá-los como categorias fixas, para que então possamos questionar as conexões entre as relações, entre os gêneros e o poder.

³ Em uma primeira etapa, durante a década de 1970, surge a mulher como sujeito oprimido tanto de libertação como de produção teológica; em uma segunda etapa, durante os anos de 1980, a mulher se incorpora como sujeito de produção teológica por meio de uma hermenêutica com perspectiva de gênero; a terceira etapa que situa nos últimos anos implica a reconstrução teológica a partir da criação e circulação de novas narrativas religiosas (HUNT, 2017, p. 52).

Partindo desses pressupostos, os historiadores e historiadoras irão se deparar com o espaço pleno de novas abordagens para a compreensão não só do gênero, mas do próprio poder. A metodologia utilizada para a realização deste artigo foi tecida pelos meandros das narrativas que evidenciam as experiências, as histórias e culturas das mulheres, sujeito desta escrita.

Desse modo, este trabalho desenha histórias de três mulheres que atuam com a Teologia Feminista na cidade de Campina Grande – PB, apresentando-se como uma das possibilidades de tecer os saberes das Católicas Feministas. Para tanto, utilizamos a metodologia e a técnica da pesquisa da História Oral. E em específico os conceitos de Experiência e Narrativa à luz dos autores Walter Benjamin (1994) e Jorge Larrosa (2011) que fundamentam a compreensão de História Oral e da narrativa.

De acordo com Walter Benjamin (1994) e Jorge Larrosa (2011), a narrativa é uma sequência de acontecimentos e uma valorização das experiências relatadas. Visto que sempre estão presentes no dia a dia. E falar sobre experiência, fortalece essa tradição oral. O “ato de contar” é também um poder de efetuação sobre o que narrar, assim, constitui-se revelar o modo pelo qual os sujeitos concebem o vivenciado.

Em nossa compreensão, a experiência não será apenas individual por algo que nos passa e nos toca, ela também será plural dando oportunidades de trocar experiência. Como refletido por Walter Benjamin (1994), “a experiência é o conhecimento obtido por meio acumulador do prolongamento e dos desdobramentos de experiência [...], a experiência tem um sentido cumulativo para o sujeito com o outro”, os sujeitos refazem suas histórias nas suas lembranças. Assim, entendemos que as situações narradas são revividas.

As experiências das mulheres ouvidas nos dão pistas para analisarmos as práticas de resistências das católicas que atuam com a Teologia Feminista na cidade de Campina Grande. Entendemos, pelo conceito de Certeau (2008), que os sujeitos não são passivos das estratégias⁴; no caso é a Igreja Católica que limita o espaço das mulheres na produção de saber. E a partir do momento que ela delimita o seu lugar, cria uma ordem hierárquica masculina que produz dogmas e verdade para as mulheres cristãs. Porém, as Católicas Feministas são sujeitos ativos que criam uma prática ordinária e se constitui em outras maneiras de subverter a ordem vigente, mesmo estando submetidos a ela.

⁴ Certeau (2008) chama de estratégia o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado.

As mulheres que atuam com a Teologia Feminista⁵ quebram essa ordem de atuação na sociedade, como meio de mostrar sua existência e suas experiências. Desse modo, a Teologia Feminista é produtora de cultura e de saber, com diversos modos de produzir sobre as práticas cotidianas de uma cultura popular, que não apenas consome, mas que através do uso e do modo de fazer, cria novas práticas.

É de suma importância analisar as narrativas cristãs que por séculos têm colocado as mulheres em um lugar de submissão e auxiliadora do homem. Na contemporaneidade, graças aos estudos feministas, temos uma significativa produção de saberes acerca da invisibilidade histórica das mulheres, na produção de saber teológico e no processo de alijamento social, político e cultural, nos quais elas ainda continuam sendo colocadas de lado.

Como afirma Mary Hunt (2017, p.17), “se Deus é masculino, então o masculino é Deus, se Deus é branco, os brancos são Deus, se Deus é heterossexual, então os heterossexuais são Deus. Ou seja, a utilização única do saber teológico que é baseado na Teologia da Moral/Prosperidade, como “saber legítimo” e preponderante, construiu a figura de um Deus para os homens, brancos e heterossexuais.

Assim, discutimos as suas práticas frente ao poder da Igreja Católica no momento da construção da ONG Menina Feliz⁶. Logo, nosso principal objetivo é analisar as práticas de resistências, da Teologia Feminista, em relação às estratégias da Igreja Católica de controle sobre seus saberes. Nossas considerações buscam embasamentos nos conceitos de Michel Foucault (2015): *Relações de Poder e Poder Saber*; Michel de Certeau (2008): *Práticas de Resistência, Práticas Ordinárias e Estratégias*; Joan Scott (1989): *Gênero*. A pesquisa ocorreu por meio de entrevistas realizadas presencialmente, nos anos de 2018 e 2019, com as Católicas Feministas Maria Auxiliadora, Vanubia Martins e G. M, para esta última, utilizou-se apenas suas iniciais a pedido da mesma. Todas essas mulheres atuam com a Teologia Feminista na cidade de Campina Grande – PB.

Nosso trabalho segue dividido em momentos didaticamente separados, dialogando entre si. No primeiro tópico, mostramos por meio das narrativas como se dão as relações de poder e saber entre a Igreja Católica e as mulheres Católicas Feministas. Mostramos, inclusive, as

⁵ HUNT (2017); GEBARA (2012); FELIX (2014); FERREIRA (2010); BARROS (2014); AZEVÊDO (2014).

⁶ A ONG Menina Feliz surgiu no ano de 1998, com quatro mulheres: Maria Auxiliadora, Izabel, Goretti, e irmã Elena, que desde do princípio pensavam em um lugar, um espaço de apoio para adolescentes mulheres, de 12 a 60 anos, em estado de vulnerabilidade, atuando nas periferias, tanto no bairro do José Pinheiro, onde se localiza a casa que serve de ponto de apoio, como em São José da Mata, através de oficinas realizada uma vez no mês, elas dialogam com essas mulheres sobre relações de gênero, cidadania, saúde, direitos da mulher.

relações de poder saber e de gênero da Igreja Católica, e dos saberes das narradoras. No segundo tópico, abordamos sobre as práticas de resistências cotidianas das Católicas Feminista, desvelando as práticas de resistência das mulheres que atuam com a Teologia Feminista dentro e fora da instituição Católica.

2 RELAÇÕES DE PODER SABER ENTRE A IGREJA CATÓLICA E AS CATÓLICAS FEMINISTAS

Foucault (2015) propõe uma análise global sobre as relações de poder, pensando em redes de apoio e de aliança que não necessariamente tenham de estar presas somente às instituições, mas principalmente ao que acontece fora delas. Assim, indica-se uma metodologia que pense a partir das relações de poder, como podemos perceber na obra “Vigiar e Punir” (2014), em que a disciplina não pode se identificar com uma instituição nem com um aparelho. Ela é um tipo de poder, é uma tecnologia que não está presa apenas à figura da Igreja Católica, mas que interroga as práticas de segregação e punitivas por fora, analisando o conjunto de saberes, os quais se formam para construir um sujeito útil, como podemos analisar na reflexão a seguir:

O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. E o poder, no que tem de permanente e repetitiva, de inerte, de auto reprodutor, é apenas efeito de conjunto, esboçado a partir de todas essas mobilidades, encadeamentos que se apoia em cada uma delas e, em troca, procura fixa-las. Sem dúvida, devemos ser nominalistas: o poder não é uma instituição nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada. (FOUCAULT, 2015, p. 101).

Tomemos como exemplo a sexualidade feminina que é na realidade um instrumento formado a muito tempo e que se constitui como um dispositivo de sujeição da mulher milenar. Diante desse exemplo, devemos compreender que a Igreja Católica é uma dessas instituições que faz uma manutenção do poder para normatizar os corpos femininos. Este poder se mantém dominante, porque existe a partir de um conjunto de narrativas bíblicas repressivas sobre a mulher, que justificam o pensamento tradicional cristão, referentes à Teologia da Moral.⁷

⁷ Na teologia cristã, a Teologia Moral ocupa-se do estudo sistemático dos princípios ético-morais subjacentes à doutrina e às verdades reveladas por Deus, bem como à sua aplicação posterior à vida cotidiana do cristão e da Igreja. Esta teologia está, em parte, englobada pela teologia sistemática.

Sabemos que as narrativas e os saberes sobre as mulheres não iniciaram apenas com o cristianismo católico e que a subordinação e a visão negativa sobre elas se apresentam no paganismo, na Grécia Antiga, onde já havia um pessimismo sexual, de um certo tipo moral, o qual vai ser difundido pelo cristianismo católico. Contudo, devemos compreender que há divergências nos seus saberes, que não são os mesmos, e isso podemos analisar na citação a seguir:

Os princípios da austeridade sexual não foram definidos pela primeira vez na filosofia da época imperial. Foi possível reencontrar no pensamento grego do século IV formulações que não eram nem um pouco menos exigentes. No final das contas, vimos que o ato sexual parece ter sido considerado desde há muito tempo como perigoso, difícil de ser dominado e custoso; a medida exata de sua prática possível e sua inserção num regime atento foram exigidas desde há muito tempo. Platão, Isócrates, Aristóteles, cada um à sua maneira e por razões diversas, recomendavam pelo menos algumas formas de fidelidade conjugal [...]. Portanto, havia muito tempo que o cuidado do corpo, e da saúde, a relação com a mulher e com o casamento (FOUCAULT, 2014, p. 297).

Como podemos analisar na fala de Foucault (2014), antes mesmo da época imperial, é possível observar historicamente que o controle sobre os corpos e o controle sobre a sexualidade já existiam. Porém, não da forma como os conhecemos hoje, como um controle moral que foi difundido pela Igreja Católica Romana no Ocidente, mas já existiam regimes atentos e variadas justificativas, a exemplo do cuidado com o corpo e com a sexualidade.

Pelas concepções de Foucault (2015), pode-se dizer que a Teologia Moral, produzida por homens, assumiu os valores e as normas do modelo da estrutura social. E sendo uma produção de saber masculina, legitimada dentro do universo religioso, sua prática produziu o sexo feminino como inferior ao masculino. E isso ao longo do tempo adquiriu um efeito normatizado, que legitimava a exclusão das mulheres em liderança eclesial e de produção de saber teológico, uma vez que se acreditava que elas constituíam uma “condição inferior”. Havia a crença de que pouco as mulheres têm para contribuir com o pensamento intelectual. Assim, podemos analisar a narrativa da Católica Feminista, Maria Auxiliadora:

Pensar a igreja católica, pensar a igreja de uma forma geral, é pensar e vê diretamente essa questão do patriarcado, quando a gente pensa a igreja direciono a questão do poder, é um poder dos homens, que inclusive quem domina a lei maior da igreja que é o direito canônico da igreja? São os homens, na minha história de igreja na minha prática, até mesmo na própria Teologia eu não conheço nenhuma mulher que foi estudo no direito canônico, ou que foi citada ou que é professora de direito canônico, então pensar igreja, é pensar e vê diretamente esse poder dos homens que direciona para com as mulheres, então os homens são aqueles que tem poder, que tem a ação ativa, que forma, que é autoridade (Maria Auxiliadora, 30/10/2018).

Compreendemos na fala de Maria Auxiliadora a utilização do conceito de poder como masculino, algo que forma, que tem uma ação ativa e é uma autoridade, como por exemplo, o Direito Canônico⁸, no qual só os homens têm acesso a esse tipo de saber. Percebe-se que esse poder produz uma verdade sobre os saberes femininos, assim como ressalva Foucault (2015) que o poder produz saberes, verdades e que para isso se faz necessário a justificativa a fim de uma comprovação de verdade única. E essa verdade é buscada pelos conhecimentos teológicos tradicionais, como por exemplo pela lei da Igreja Católica que é colocada para as mulheres como dogmas, a saber:

É um destino sombrio para uma mulher ter de viver num colete dogmático feito por homens. Maria encontrou-se nessa situação de forma sem paralelo. Não lhe foi permitido partilhar de nada que tivesse a ver com a sexualidade feminina, nada ligado ao processo natural de concepção e de parto de um filho. Não lhe permitiram conceber seu filho através do amor de um homem, teve de ser o Espírito Santo, e não pode haver prazer. Não lhe foi permitido ter o filho de forma natural, porque teve que continuar intacta durante o parto. Por fim, não lhe foi permitido ter outros filhos depois, já que isso significaria violação e vergonha. Assim, ela foi transformada numa espécie de criatura assexuada, a sombra de uma esposa e mãe, reduzida a sua função na história da salvação. Só ganhou vida real pelos senhores da criação na medida necessária em que atendesse a sua função. Além disso, tudo o mais lhe foi negado (HEINEMAN, 1999, p. 365).

A citação supracitada mostra a imagem de “Maria, serva de Deus”, colocada em uma postura de total obediência e submissão à vontade de Deus, que também se coloca em oposição à imagem de Eva, a “mulher desobediente”. O saber masculino legitima a cultura patriarcal, que se intitula como sagrada, fazendo parecer que é da vontade divina que a função das mulheres esteja vinculada à reprodução, à submissão e ao silêncio. Nessa leitura, a imagem de Maria é associada à mãe que orientava os comportamentos e os lugares sociais das mulheres, segundo os interesses da cultura patriarcal. Como podemos observar na narrativa a seguir:

Maria, mulher resignada? Mulher resignada nada, ela foi mãe engravidou, mãe solteira, deve ter passado um perrengue grande, e aí a gente romantiza tudo. Na verdade, imagine o quanto esse José e a família de José obrigaram esse casamento, que ela ficou grávida antes de casar e tinha que casar. Então ela, menina adolescente, deve ter cortado o dobrado para garantir o nascimento do filho dela, que ela quis ter, sim eu quero ter filho. e então, para dizer sim, tem que ter muita coragem e para dizer não tem que ter coragem em dobro, por isso que tem que ter cuidado com as mulheres que decidem o aborto, o sim de Maria tem sua beleza, mas o não tem suas consequências também (Vanubia Martins, 23/10/18) .

⁸ O Direito Canônico é o conjunto de leis e regulamentos feitos ou adotados pelos líderes da Igreja, para o governo da organização cristã e seus membros. É a lei eclesiástica interna que rege a Igreja Católica (tanto na Igreja latina quanto nas Igrejas Católicas Orientais), as Igrejas Ortodoxas, Orientais e Ocidental.

Identificamos na fala de Vanubia uma perspectiva não tradicional da Igreja Católica, mesmo que reconheça Maria como mãe de Jesus e como símbolo religioso para si. A sua narrativa demonstra os fatores sociais, analisando o contexto histórico no qual Maria estava inserida. Vanubia da equipe de formação nacional da Comissão da Pastoral da Terra (CPT), em sua narrativa, desconstrói argumentos da igreja conservadora, que são usados para recusar os direitos sexuais e reprodutivos da mulher.

Segundo Foucault (2015), os discursos são elementos ou blocos táticos no campo das correlações de forças; podem existir discursos diferentes e mesmo contraditórios dentro de uma mesma estratégia; podem, ao contrário, circular sem mudar de forma entre estratégias opostas. Na produtividade tática dessas duas vertentes cristãs que estamos analisando, a Igreja Católica e as mulheres Católicas Feministas, apresentam-se falas de produção de poder e saber que proporcionam uma conjuntura de correlações de forças, tornando necessária a utilização da produção da narrativa bíblica sobre as mulheres.

Assim, percebemos claramente um confronto de indivíduos que seguem a mesma fé, da mesma instituição (Igreja Católica), mas observando que o saber masculino é privilegiado e soberano por milênios. E está investido por um conjunto de saberes sobre o lugar social do feminino dentro da instituição igreja, pela análise de um campo múltiplo e móvel de correlação de forças, sobre o qual se produzem efeitos globais, mas que não é estável de dominação.

O estudo da Teologia Feminista questiona a ordem masculina dentro da fé cristã. Questiona o seu lugar dentro das narrativas bíblicas com um novo olhar, outras interpretações e novos saberes. Os estudos dessa nova concepção dão oportunidade de uma nova experiência de fé. Assim, não deixam morrer o pensamento do cristianismo, pensando a tradição cristã de uma forma diferente, mulheres que perceberam a opressão cultural, social e política e por meio da religião lutam para que várias outras mulheres possam também ter essa percepção do mundo e da fé. Por conseguinte, elas se tornam críticas das variadas teologias que colocam seus corpos como subalternos.

O que caracteriza o poder que estamos analisando é que traz a ação, relações entre indivíduos (ou entre grupos). Para não nos deixar enganar; só podemos falar de estruturas ou mecanismos de poder na medida em que supomos que certas pessoas exercem poder sobre as outras. O termo “poder” designa relacionamento entre parceiros (e com isto não menciono um jogo de soma zero, mas simplesmente, e por ora me referindo em termo mais gerais, a um conjunto de ações que induzem a outras ações, seguindo-se umas às outras) (FOUCAULT, 1982, p. 217).

Identificamos na fala de Foucault (1982) que o poder não é próprio, é uma arrumação de manobras, táticas, técnicas de funcionamento. Ele acontece como uma rede de relações

sempre tensas, ele se exerce e não é um privilégio. O poder não está recluso na hierarquia da Igreja Católica, mas antes ele atua como um conjunto de posições estratégicas de poder e saber teológico, que se dão através das relações entre Igreja Católica e Teologia Feminista. Nele há uma ação, um movimento e nessas relações a sujeição pode fabricar sujeitos. Como podemos analisar na narrativa da Católica Feminista G.M:

Eu estou saindo de um relacionamento com um padre, e aí ele engravidou outra menina, e aí eu tive que dizer não dá, e é por isso também toda essa minha abominação a igreja, não só por conta disso mas desde a minha história antes dentro da própria igreja que fazia parte de um grupo e aí o outro padre disse: “olhe você ou fulaninho que está aqui”. Entre eu e ele, foi ele que ficou, que é um homem, estava estudando para ser padre. Aí a gente namorou e por ironia do destino o cara descobriu. Entre eu e ele ficou o homem. e então, eu venho dessa história, dessas marcas, então não tem como você vê que isso é natural, não tem como você vê que, por exemplo, engravida de um padre e as coisas permanecem do mesmo jeito. E você se envolve com o padre e ele continua lá como se nada tivesse acontecido. Então, eu estou nesse processo de resiliência, isso é doído, é difícil, aí eu sempre digo as meninas que eu tenho que trabalhar de novo a minha forma de tolerância, é tolerar mesmo. Tenho alguns padres amigos, a maioria das minhas amizades são ligadas de certa forma a esses espaços e eu também sou cria disso, mas eu não aguento mais, não dá mais, respeito entre aspa, mas também eu não posso me calar mais, muitos anos calada, e aí a gente vai sendo violentada pela estrutura que se mantém naquele espaço. Parece que tudo é perfeito, mas por trás é a podridão, aí a gente vai vendo a carniça por trás, mas aí aparentemente está tudo perfeito, tudo limpo (G.M, 30/10/18).

Na experiência de G.M., constatamos que as práticas de poder machistas não estão muito longe da realidade atual. Pois dentro da estrutura do catolicismo, é sempre o masculino preferível, ele quem outorga a decisão final. Identificamos as relações de gênero⁹ na mesma perspectiva de relações de poder foucaultianas, quando G.M fala que é tolerar mesmo e ao mesmo tempo diz que não vai se calar, é uma relação de saber poder que a Igreja Católica coloca. Há uma subordinação das mulheres ao masculino, mas que esses saberes são possíveis reinvenção e releituras. Scott (1989, p. 16) afirma “que o gênero é elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos”, não que o sexo determine, mas que a construção social e histórica para o sexo determina quem ocupa os cargos na hierarquia da Igreja Católica.

As novas formas de observar as relações de gênero são pautadas nos conceitos foucaultianos e de Scott (1989) de relações de poder. Esses conceitos nos mostram que não

⁹ Scott (1989) as feministas começaram a utilizar a palavra “gênero” mais seriamente, no sentido mais literal, como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos

devemos pensar as relações de gêneros como constituídas só de um opressor (homem) e uma oprimida (mulher). Pelo contrário, há vários outros arranjos que fazem essa situação inverter-se, como a invenção de um lugar onde as mulheres Católicas Feministas podem utilizar a sua fé sem os dogmas masculinos da Igreja Católica. Como podemos analisar na citação a seguir:

O gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres (SCOTT, 1989, p.7).

Tendo-se em mente essa problemática complexa da construção social e das relações de gênero propostas pelos estudos feministas apontados por Scott (1989), desde a afirmação de Simone de Beauvoir (1970) – “não nascemos mulheres, tornamo-nos mulheres” –, muito se progrediu no campo dos estudos feministas e de gênero, tendo-se sempre em pauta a premissa fundamental de que ‘feminino’ e ‘masculino’ são menos fatos biológicos do que construções sociais e culturais.

De acordo com Scott (1989), inserir as mulheres na história implica impreterivelmente em uma nova definição e uma ampliação das noções tradicionais do que é historicamente importante, para incluir a experiência pessoal e subjetiva quanto às atividades públicas e políticas. Não é exagerado dizer que, por mais hesitante que sejam os princípios reais de hoje, tal metodologia implica não só em uma nova história das mulheres, mas sim em uma nova história (SCOTT, 1989, p., 3-4).

Segundo Mary Hunt (2017), o fundamento da visão teológica masculina encontra-se em uma ordem não humana, não histórica e, portanto, imutável e indiscutível, por tomar a forma de dogmas. Expressões das sociedades nas quais nasceram as religiões espelham sua ordem de valores, que reproduzem em sua narrativa as revelações divinas. No entanto, ao discutir sobre a Teologia feminista, encontramos na narrativa de G.M a importância dos estudos feministas de gênero, dentro da fé cristã, para a desconstrução dos dogmas sobre os saberes das mulheres:

A gente tinha um grupo aqui, que eu acho que falei em outro momento com você, a gente tinha um grupo muito bom, que a gente fazia leitura de textos feministas, todas as leituras eram, tanto de Ivone Gebara, que ela ainda tá viva, ainda desafia um bocado, como Elizabeth Fioreza, Mary Hunt, que é americana, e Elizabeth é alemã. Mas essas mulheres de certa forma, assim, deram uma contribuição muito boa nesse processo, sabe? (G.M, 01/05/2019).

Ao analisar a fala de G.M, notamos que há uma mudança na ordem vigente, ao estudar sobre os saberes femininos, dentro da própria instituição igreja. Percebe-se que elas encontram

uma maneira de subverter os dogmas masculinos, mesmo estando inseridas nesta realidade. A partir do momento em que buscam entender por meio dos estudos de gênero, propostas de Ivone Gebara, Elizabeth Fireoza e Mary Hunt¹⁰, importantes Teólogas Feministas, as quais propõem um caminho diferente da lógica patriarcal. Uma nova visão da tradição cristã a qual traça caminhos diferentes para as mulheres a partir da perspectiva feminista.

Como afirma Gebara (2012, p. 134): “não posso continuar lendo o Evangelho como algo metafísico; quero deixar de lado essa tradição e mesclá-la com as coisas da vida”. Desse modo, a Teologia Feminista aproxima o divino das suas experiências de vida, propondo-se a entender o cristianismo a partir de si mesma, construindo o experienciado¹¹. A Teologia apresenta-se como um exercício contínuo de reinterpretação de saberes bíblicos, movendo e desenvolvendo-se no conhecimento feminino, pois a experiência faz com que se percebam as relações gênero.

A partir disso, a Teologia Feminista compreende a importância do estudo das ideias da Teologia Feminista, uma vez que estas reflexões possibilitam que as mulheres deem um mergulho nas relações de poder saber, tecidas nas suas relações, tanto na igreja como em outros espaços de sociabilidade, ressignificando-as e repensando as relações de gênero ali construídas, elaborando assim, outras narrativas. Por meio dos estudos realizados, essas mulheres passam a questionar as desigualdades de gênero no cotidiano religioso, além de fomentarem um debate sobre a busca de liberdade para as mulheres, problematizando algumas das narrativas bíblicas que delimitam os lugares das mulheres na igreja e na vida social como um todo. Assim, os estudos realizados pelas Feministas Católicas as fizeram perceber que as mulheres são produtoras de saberes não apenas baseados na fé cristã, mas na reflexão racional e sensível sobre a vida dos sujeitos sociais. Logo, elas passaram a identificar e definir suas realidades por meio de diferentes saberes.

As mulheres e a desconstrução da ideia de sexualidade por pecado, o direito das mulheres, a participação efetiva das mulheres e a escuta das mulheres sobre essa outra fé mais livre, que é menos carregada de dogmas, que somos nós que temos os filhos e esses filhos caminham para lugares diferentes, e a minha fé e minha espiritualidade precisam acolher a essas diferenças. As mulheres têm essa passagem, essa abertura mais plural uma visão mais ampla, está lá escrito na bíblia, no dia de pentecostes falaram várias línguas, inglês, português, falava-se várias línguas, porque Jesus juntou várias pessoas de comunidade diferentes,

¹⁰ Ivone Gebara é uma freira católica, filósofa e teóloga feminista brasileira. Nascida em São Paulo.

Elizabeth Fiorenza é uma teóloga feminista católica romana de origem romena.

Mary Hunt é Teóloga feminista, integrante do movimento feminino da Igreja, faz palestras e escreve sobre teologia e ética com atenção especial para questões da libertação.

¹¹ Para Larrosa (2011) no sentido de “experienciar” não seria aprender o mundo, mas formá-lo na medida em que se constrói as experiências, isso seria um exercício contínuo de reformá-lo, este movimento que desenvolve conhecimento de sua finitude, pois cada experiência faz com que perceba suas limitações diante do mundo.

várias tribos patriarcais, ou eram Deusas. Juntou, para dizer assim estamos unidos pelo espírito, é um princípio de Jesus Cristo que move também a crença feminista, os dogmas têm reprimido, e a gente precisa repensar, e essas teólogas precisam ser ouvidas nas estruturas tanto do catolicismo, como das igrejas evangélicas. Elas precisam ser ouvidas pra gente desconstruir a supremacia masculina (Vanubia Martins, 23/10/18).

Assim, percebemos na fala de Vanubia que ao se perceberem como sujeitos sociais, passam a entender que elas devem contar suas histórias, ressignificando os lugares socialmente definidos pelos saberes cristãos sexistas. Ao passarem a problematizar os saberes cristãos sobre as mulheres, as Feministas Católicas ressignificam a sua fé, resistindo às formas instituídas pela igreja sobre os corpos e os lugares femininos. Assim, elas passam a atuar em diversos espaços da sociedade, contribuindo significativamente para retirar as mulheres do esquecimento e da sombra da memória, segundo Michelle Perrot (2007) dando-lhes significado e imprimindo-lhes a condição de sujeito.

3 PRÁTICAS DE RESISTÊNCIAS COTIDIANAS DE FEMINISTAS CATÓLICAS

Quando observamos os processos autônomos das mulheres Católicas Feministas, que atuam com a Teologia Feminista, é possível encontrar resistências. Pois, de acordo com Foucault (2015), o poder também atua como resistência. Estas são feitas dentro da própria rede de poder e qualquer lugar social pode ser espaço de resistência a partir de diversas estratégias de embate de forças. Elas são, portanto, outro termo das relações de poder. Esses pontos de resistências estão presentes em todo lugar, só podem existir no campo estratégico. São distribuídos de modo irregular, mas os focos de resistências disseminam-se, provocando a união de grupos ou indivíduos, inflamando certos pontos do corpo social, como podemos observar:

Da mesma forma que a rede das relações de poder acaba formando um tecido espesso que atravessa os aparelhos e as instituições, sem se localizar exatamente neles, também a pulverização dos pontos de resistência atravessa as estratificações sociais e as unidades individuais. E é certamente a codificação estratégica desses pontos de resistência que torna possível uma revolução, um pouco à maneira do Estado que repousa sobre a integração institucional das relações de poder (FOUCAULT, 2015, p.105).

Podemos observar que a Teologia Feminista ao questionar os saberes ditos oficiais, ao reinterpretar os escritos bíblicos, apresentam resistência, como supracitado por Foucault (2015), que estão presentes nas relações de poder. As Católicas Feministas ao se unirem para disseminar uma outra forma de saber, colocam-se como centro de discussão e como atuantes na experiência

de fé. Elas resistem dentro do mesmo lugar do catolicismo cristão, mas mudando a narrativa, como podemos analisar na fala de Vanubia:

Assim, a Teologia Feminista se dispôs a discutir o papel das mulheres dentro da Bíblia, dá visibilidade a essas mulheres. Ir para história e descobrir quem são essas mulheres. Jesus acolheu a pecadora que até hoje se questiona sobre Maria Madalena que não necessariamente era a pecadora. A história diz que ela era uma mulher rica, de posses, que tinha domínio sobre as suas propriedades, sobre suas riquezas, que na época era proibido. e então por isso ela era tão pecadora, ela descumpria as regras da sociedade e não a de Deus, porque quando Jesus Cristo traz outra proposta, ela passa a seguir Jesus Cristo (Vanubia Martins, 30/04/2019).

Percebemos na fala de Vanubia a utilização da não-aceitação da postura machista e masculina sobre mulher como mãe ou como prostituta, como sendo a única verdade. Ela forma suas interpretações como concebe o vivenciado. Assim, a experiência e os saberes históricos sobre as mulheres na bíblia podem ser interpretados de outra maneira, como uma Maria Madalena rica, com posses, que viola o saber poder religioso cristão e que atribui às mulheres o lugar de criadoras dos filhos e da família. Com isso, o conhecimento da Teologia Feminista constitui uma resistência de saber que produz autonomia. Segundo Larrosa (2011), é necessário tomar posse das experiências para redefinir essas narrativas, para colocar no centro as mulheres que estiveram a margem, com objetivo de transformar essa realidade a que foram submetidas. Isso oferece possibilidades para que as mulheres se tornem livres para outras experiências, para outras reconstruções do saber teológico.

Encontramos também fundamentamos na compreensão de Certeau (2008) quando ele define o cotidiano como as maneiras que os indivíduos exercem suas atribuições em seu dia a dia. Muitas vezes essas práticas são simples, não podendo ser percebidas sem que se mergulhe em sua realidade, vivenciando juntamente com esses indivíduos o seu modo de fazer cotidiano. As práticas de resistências das feministas católicas que estudam a Teologia Feminista são evidenciadas nas suas atuações na ONG Menina Feliz¹² e na Pastoral da Terra da Catedral da Diocese, em Campina Grande-PB. Esse grupo realiza trabalhos sociais com mulheres, discutindo sobre igualdade de gênero, seus direitos, seus corpos e até mesmo a sua saúde. Essas feministas buscavam estar inseridas nos espaços sociais, de acordo com o cotidiano e a experiência da comunidade. Como podemos analisar na narrativa de Maria Auxiliadora:

O objetivo da ONG era discutir esse papel desigual, essa questão de gênero que a gente diz hoje. Era dizer que há muita violência, refletir a violência, refletir o

¹² A ONG Menina Feliz deu início a partir de uma gincana ecológica feita em uma comunidade carente de Campina Grande, chamada de Cachoeira. É uma comunidade periférica, bem violenta e pobre, que fica às margens do bairro José Pinheiro. Meninas na faixa etária de 12 a 17 anos, que viviam em precariedade, onde a estrutura da casa e de saneamento básico eram bastante precárias passaram a frequentar a ONG.

lugar da mulher que hoje é em todos os lugares, em uma frase que é assim já de todo mundo, e dizer que a gente merecia e que elas, a gente, todos nós, mulheres e homens mereciam um lugar digno na sociedade, na igreja, na família em todos os lugares que a gente estava. Era trabalhar a autoestima, trabalhar a saúde e sobretudo a saúde mental. A gente falava muito, essa coisa da cidadania mesmo. Por exemplo, quem é que tá sendo escolhido nos bairros para ser a nova representante? Seja no clube de mãe, na sab., seja mesmo na política partidária. Eram assim trabalhar para que as mulheres assumissem esse protagonismo, sair dessa situação de violência. Pudessem acertar esse sistema de direito. A gente trabalhou muito esse sistema de direito da criança e da mulher. Então era colaborar em uma outra cultura com para essas mulheres, com elas (Maria Auxiliadora, 01/05/2019).

Essas maneiras do fazer cotidiano exposta na fala de Maria Auxiliadora constituem as práticas pelas quais as mulheres Feministas Católicas se reaproximam dos espaços ou do lugar organizado pela produção do que Certeau (2008) vai chamar de estratégia. Esse tipo de estratégia pode fazer diferente nas resistências, pois alteram o seu funcionamento por múltiplas ações de táticas articuladas sobre discutir o saber bíblico a partir das leituras da Teologia Feminista, que induz a mulher a assumir sua criatividade e astúcia, criando uma prática ordinária¹³ dentro Igreja Católica.

De acordo com Josgrilberg (2005), o lugar praticado, no entanto, enfatiza a ausência de um lugar próprio para as táticas e os movimentos cotidianos operarem. Desse modo, os movimentos das práticas de resistência somente se articulam a partir de um lugar organizado. As católicas feministas organizaram-se a partir de um lugar da estratégia, que é Igreja Católica, para compor assim um artifício de rede de uma antidisciplina mediante os seus estudos de gênero, que correspondem a uma prática de resistência. Como podemos analisar na narrativa a seguir:

Eu ainda estou na prática de uma resistência por dentro, de a gente discutir nas pastorais onde tem o acesso, coordenações de mulheres, nos espaços de decisão, como toda a sociedade. A igreja é uma estrutura dentro da sociedade e como tal existem espaço de decisão e as mulheres também tem que estar lá, mesmo com a beleza que existe das igrejas evangélicas de terem pastoras, isso não difere, porque na hierarquia ainda são os homens que mantêm o poder sobre as decisões das igrejas evangélicas. As pastoras ainda fazem essa luta de desigualdade, como pastores em igual na sociedade, que têm um trabalho igual ao do homem. Eu ganho menos que o homem, as pastoras também. E se tratando de Igreja Católica muito pior, porque as freiras que estão inseridas são elas que fazem o trabalho na comunidade, elas são esquecidas na maioria das vezes, ninguém enxerga as irmãs, ninguém enxerga as freiras e suas opiniões também não são acolhidas. Existem congregações, igrejas que são hierarquizadas e deve obediência à hierarquia. E a maioria das irmãs inseridas nelas são esquecidas (Vanubia Martins, 23/10/18).

¹³ Para Certeau (2008), as práticas ordinárias constituem outras maneiras de subverter a ordem vigente, mesmo estando submetidos a ela.

Analisando a fala de Vanubia com relação à atuação das freiras dentro da instituição da Igreja Católica, vê-se que elas são responsáveis por organizarem as missas, por estarem atuando nas comunidades. Contudo, mesmo assim, elas que não têm nenhum poder de decisão na hierarquia clerical. Vanubia também percebe que nas Igrejas Evangélicas as mulheres também são atuantes, podem ministrar a bíblia, atuação que as freiras não podem desempenhar dentro da Igreja Católica, porém, seguem a mesma perspectiva patriarcal, de hierarquia masculina, recebendo até menos que os homens. Diante disso, vemos que suas atuações não diferem muito das narrativas bíblicas cristãs de subordinação da mulher à figura masculina.

Assim, a produção da Teologia Feminista é uma prática ordinária que ressignifica o espaço de saber e experiência do feminino, no sentido de que esse novo saber foge da ordem imposta como “normal”, “original” e “única”. Com base em Certeau (2008), seguimos o pensamento das questões das práticas ordinárias, afirmando que existe um modo de produzir saber a partir dos “marginalizados”. Assim, surgem práticas cotidianas que não apenas consomem, mas que também produzem. As Católicas Feministas, a partir dos lugares da Pastoral da Terra e da ONG Menina Feliz, atuam nas periferias. Desenvolvem oficinas, discutem com mulheres entre 12 e 60 anos, que vivem em uma comunidade violenta e precária de saneamentos básicos. Nesse espaço, elas também discutem as relações de gênero, os direitos garantidos às mulheres, desmistificando a imagem da mulher como somente mãe, responsável do lar e submissa ao marido. As Católicas Feminista, através do uso e do modo de fazer, criam novas práticas. Como podemos observar na narrativa de G.M que trata de como as oficinas eram ministradas na ONG:

Quando tem algum momento de oficinas uma vez ou outra na ONG, tem oficina, a gente às vezes é convidada para fazer parte. Sábado mesmo a gente estava em uma oficina em Soledade com mulheres que são da igreja, inclusive bem fechado. Então, em alguns espaços como esses que a gente tem oportunidade, a gente entra, a gente faz com que as pessoas percebam que temos uma posição diferente em relação a isso e não fazemos questão de dizer. Então a gente conversa e diz, então esses são os espaços que de certa forma têm liberdade e fala sobre isso, na comunidade, na ONG, nas oficinas que a gente desenvolve. E aí com temas relacionados a gente conversa sobre isso. (G.M, 30/10/18).

As práticas mencionadas por G.M acerca das oficinas demonstram a resistência das mulheres Católicas Feministas fora da instituição igreja, visto que percebem que o espaço da ONG e das comunidades está aberto a esse tipo de debate. Segundo Certeau (2008), as práticas de resistência criam outros códigos, outros lugares, outras maneiras de fazer e de resistir. Isto é, em lugares disponíveis na sociedade contemporânea como a ONG Menina Feliz, que foi construída a partir delas para ajudar mulheres e meninas em estado de vulnerabilidade, nas

periferias de Campina Grande – PB. A ONG propunha fazer uma leitura sobre o lugar da mulher e uma nova análise sobre os saberes femininos. Ela mostra uma outra face de Jesus Cristo e da própria Teologia Feminista, como podemos observar no discurso de G.M, a qual faz parte da ONG:

Ontem a gente tava desenvolvendo uma atividade que na verdade é em parceria com a RECID¹⁴, direito de educação cidadã. Então a ONG tem uma parceria com essa rede e ontem teve uma atividade dos grupos de lideranças femininas, desses grupos que são acompanhados pela RECID e de duas educadoras da ONG que estavam lá também as mulheres. Então teve uma oficina para trabalhar de como a gente e como essas mulheres estão vendo esse momento atual, de tanto direito que tá sendo tirado nosso. Foi uma oficina bem interessante, muito boa e muito produtiva. E tinha algumas meninas lá também adolescentes e até crianças, porque lá tem um espaço paralelo para elas ficarem; e depois em um certo momento a gente se visitou, mas a gente não tá com oficina de meninas no momento (G.M., 01/05/2019).

A narrativa de G.M demonstra uma maneira de resistência das feministas católicas quando elas refletem em outros espaços para além da igreja com outras mulheres consideradas marginalizadas pelos homens, e também subjetivados/as pela cultura machista. Elas refletem inclusive sobre os lugares das mulheres na sociedade, problematizando a violência contra a mulher no casamento, na família e na sociedade. Ao discutirem sobre a importância das mulheres na educação dos/as filhos/as, mostram que elas podem educar os/as filhos/as sobre outra perspectiva de vida, que respeite as diferenças entre os sujeitos sociais, sem desqualificar o feminino ou aqueles/as que fogem do modelo culturalmente instituído como verdade.

À medida que Feministas Católicas abordam nas oficinas sobre sexualidade, corpo, reprodução, trabalho das mulheres dentro e fora de casa, educação e sobre a participação delas na política, nas decisões e resolução de problemas dentro e fora de casa contribuem com o despertar de muitas mulheres que são vítimas cotidianamente da cultura machista. Como afirma Certeau (2008):

Mil maneiras de jogar/desfazer o jogo do outro, ou seja, o espaço instituído por outros, caracterizam a atividade sutil, tenaz, resistente, de grupos que, por não ter um lugar próprio, devem desembaraçar-se em uma rede de forças de representações estabelecidas. Tem que “fazer com”. Nessas estratégias de combates existe uma arte dos golpes, dos lances, um prazer em alterar as regras de espaço opressor (CERTEAU, 2008, p.79).

¹⁴ A **Rede de Educação Cidadã** é uma articulação de diversos atores sociais, entidades e movimentos populares do Brasil que assumem solidariamente a missão de realizar um processo sistemático de sensibilização, mobilização e educação popular da população brasileira e principalmente de grupos vulneráveis econômica e socialmente (indígenas, negros, jovens, LGBT, mulheres, etc.), promovendo o diálogo e a participação ativa na superação da miséria, afirmando um Projeto Popular, democrático e soberano de Nação. (Disponível em: <http://recid.redelivre.org.br/quem-somos-2/>).

Seguindo o pensamento de Certeau (2008), percebemos a atuação dessas mulheres que constroem a Teologia Feminista dentro da Igreja Católica, como Vanubia que atua na Pastoral da Terra, ou fora, com a ONG Menina Feliz, como é o caso de Maria Auxiliadora e de M.G. Elas não são passivas em relação à ordem da igreja, mas sim sujeitos ativos que produzem uma prática ordinária através das suas astúcias de subversão. Vejamos a narrativa de Vanubia, ela discute lugar da igreja, sem que, necessariamente, esteja submissa a essa hierarquia:

É que eu estou na Igreja Católica, mas ao mesmo tempo não estou. É aquele lugar da pastoral, de fronteira, de uma pastoral de ação de rua, que não está dentro da estrutura paroquial. Então quando você está dentro dessa estrutura paroquial, nós estamos ligadas a um organismo maior, que é o todo. Ter essa espiritualidade na ação do evangelho é a missão da CPT. Bom, se ela é subversão eu não preciso me enquadrar nos padrões para estar nessa pastoral. Eu preciso cumprir a missão que é de libertar o povo e construir a proposta de reino de Deus que é de justiça, de igualdade, que Deus propôs e que a gente está indo na contramão que é do egoísmo e do acúmulo (Vanubia Martins, 30/04/2019).

Vanubia discute uma certa autonomia nas suas ações nas pastorais. Com isto ela utiliza um lugar que é o da Igreja Católica, para questionar a sua ordem hierárquica, de segregação das mulheres. Percebe-se que ela dribla o sistema, questionando as suas ideologias. Como afirma Certeau (2008), o requisito para o empreendimento das estratégias é a posse de um lugar próprio, que é uma vitória do lugar sobre o tempo. É a posse de um espaço físico ou simbólico que legitima as estratégias dos grupos nele estabelecidos.

Essas novas maneiras de fazer e pensar as mulheres, proposta pela Teologia Feminista, constituem práticas de resistências, pelas quais as mulheres se reaproximam dos espaços ou dos lugares organizados pela produção desse novo saber. Como analisamos a seguir na fala de Vanubia sobre sua produção de saber dentro da CPT:

Dentro da CPT existe a discussão desde da década de 90, dentro da própria CPT que as mulheres vêm discutindo, dentro dessa mesma perspectiva, a tarefa de ser CPT e como é que a gente desconstrói dentro de nós mesmos os machismos, e como é que a gente constrói os feminismos. Porque tem gente de várias gerações, de vários níveis de compreensão e de várias necessidades, não dá para gente dizer que o feminismo é um só, não dá para dizer que as pessoas vivenciam o feminismo na mesma perspectiva. E como é que a gente desconstrói o machismo, já que estamos dentro da igreja, somos equipes mistas. Então, não adianta eu querer fazer e discutir a libertação das mulheres lá na comunidade, no campo se para dentro de nós ainda é muito forte; aí ficam essas duas questões (Vanubia Martins, 30/04/2019).

Faz-se necessário entender que Vanubia atua dentro da igreja, onde acredita que seja o local importante para estar fazendo esse tipo de questionamento. Ela faz parte da Coordenação

Regional Nordeste Dois¹⁵, a qual compõe os quatros estados: Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Rio Grande do Norte, e também atua na equipe de formação na Comissão Nacional da Comissão Pastoral da Terra (CPT). Vemos que há uma subversão a uma ordem de discurso masculinos, pelo fato dela ter contato com o campo, com comunidades da zona rural a partir da CPT. É onde ela encontra espaço para falar e mostrar um outro olhar, um outro modo de fazer do cristianismo, compreendendo a sua fé a partir do seu lugar. Assim, ela se utiliza da astúcia para driblar o sistema hierárquico e fechado da Igreja Católica.

Diante disso, identificamos o cotidiano como sendo o espaço propício à inventividade e à resistência. Segundo Certeau (2008) afirma que para que os indivíduos construam sua própria história; no estudo do cotidiano é natural que se percebam as microdiferenças, onde tantos outros só veem obediência e uniformização. Ou seja, a uniformização do cotidiano pode ser quebrada a partir de pequenas práticas individuais. As microrresistências são possibilitadas, uma vez que estas Católicas Feministas desenvolvem uma prática de resistência para “fugirem” do poder exercido sobre elas. Essas microrresistências são realizadas silenciosamente, apresentando-se apenas a quem estiver disposto a vê-las.

Diante de tal reflexão compreendemos que, quem está disposto a ver essas práticas, está disponível para um mergulho na realidade de seus “fazedores”. Como podemos analisar na fala de Maria Auxiliadora:

A ONG nesse sentido é uma escola, uma experiência. Ela foi um lugar onde a gente pôde experimentar e materializar essa ideia de um mundo diferente a partir da nossa prática, a partir de uma compreensão de um mundo onde todos e todas têm direito e têm espaço, claro que é um grão de mostarda no mundo, mas a gente precisa reconhecer tudo isso como experiências micros, experiências revolucionárias, micros, pequenas, e aí o mundo, e aí nós todos precisamos disso para compreender que é mudando aqui, é dado um passo a mais no mundo. E as organizações, e as pessoas, e as instituições podem mudar (Maria Auxiliadora, 01/05/2019).

Assim, percebemos que a ONG está nessa prática de resistência, pois é um lugar que atua nas comunidades. Um saber que é concebido a maneira como Maria Auxiliadora experiência com o divino, que é possível vivenciar a Teologia Feminista nesses espaços. Assim, elas produzem um saber sem advir de um lugar de dominação, visto que na sua prática anônima, nas suas ínfimas liberdades, podemos perceber esse olhar para os movimentos de resistências cotidianas. Estas se constituem, conforme Certeau (2008), em instrumentos de pesquisa capazes de permitir enxergar o que se passa nos minúsculos espaços sociais, em que as práticas de

¹⁵ O Regional Nordeste Dois é uma divisão própria da Conferência Nacional dos Bispos no Brasil (CNBB), que se divide em blocos de dioceses para uma melhor estruturação da Igreja Católica no Brasil.

resistência silenciosas e sutis jogam com o sistema dominante, no qual impera a cultura ordinária cotidiana de: “ a ordem é jogar”.

A partir desses discursos, identificamos as diferenças que existem naquelas que atuam com a Teologia Feminista. É perceptível observar a distinção de atuação de algumas mulheres católicas feministas que permanecem dentro da Igreja e das que mantêm suas práticas de resistência fora da instituição. Das entrevistadas, apenas Vanubia permanece na Igreja. Já Maria Auxiliadora e G.M, atuam fora, na periferia no bairro do José Pinheiro em Campina Grande - PB, com a ONG Menina Feliz. Elas se diferenciam a partir do espaço onde se encontram, desenvolvendo suas práticas, driblando o sistema individualmente. Contudo, observamos como isso tem impacto no coletivo.

Fica claro que essas mulheres Católicas Feministas que atuam e estudam a Teologia Feminista em Campina Grande – PB têm, nas suas práticas no cotidiano, o objetivo de desconstruir todo conhecimento que exclui e diminui a mulher. Vemos que elas tomam suas experiências para poderem atuar e falar dessa teologia alternativa que busca superar conteúdos patriarcais ou heteronormativos, para assim e enfrentar o poder da hierarquia ainda dominante.

Assim, suas discussões apresentam-se como um importante desenvolvimento de ações reflexivas para o estabelecimento do debate teológico em uma perspectiva de gênero. Como afirma Ivone Gebara (2017, p. 73): “nos últimos anos, a Teologia Feminista foi a reflexão que mais se abriu para a diversidade, e conseqüentemente, para a crítica do dogmatismo religioso”. Durante séculos, as mulheres têm sido consideradas seres de segunda categoria, ventres reprodutores de homens e deuses, e permitir que hoje vislumbremos com mais clareza o caráter ideológico e manipulador das teologias patriarcais são outras maneiras de viver a fé, percebendo as mulheres como sujeitos e não como simples apêndices da história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo procurou mostrar as práticas de resistência de Católicas Feminista, que durante séculos foram silenciadas por narrativas, saberes de homens e por uma teologia eclesial cheia de dogmas – postas em lugares de uma vontade divina como “verdade”. Um saber que normatizava e privava os corpos das mulheres de escolherem o que era melhor para si mesmas, em nome de uma divindade que as subalternizava.

Essas condições sociais só foram legitimadas porque estavam amparadas em uma determinada narrativa de saber da Igreja Católica. Nesse espaço, impera o discurso patriarcal

em que a figura feminina é subjugada a atuar somente naquilo que a ordem social vigente, do sexo masculino, delimita. São ainda em lugares sociais como esse, que perdura um pensamento moral, dogmático e excludente, o qual ainda atua no catolicismo tradicional. Todavia, foi nesse espaço que essas mulheres encontraram “brechas” para burlar essa ordem dita como única verdade.

Mediante suas atuações, essas mulheres espalham suas narrativas de poder saber com as práticas de resistência. Atuam onde tiver espaço a partir das suas experiências de autonomia, nas formas de conceber o vivenciado. São mulheres que lutam pela transformação social, política e cultural.

Quando a Teologia Feminista produz narrativas que colocam as mulheres como sujeitos ativos de saber, por meio de uma construção de resistência a uma ordem de figura masculina, suas práticas no cotidiano passam a desnaturalizar significados fixos de gênero, que colocam o feminino como inferior e desqualificado. Ou seja, suas práticas e experiências situadas funcionam como instrumento de luta por outra interpretação de fé, criando as condições para a afirmação positiva da figura feminina.

Por meio de ações nas comunidades de base da Igreja Católica e na ONG Menina Feliz, resistem, ao criar um lugar praticado, com as suas maneiras de fazer e de conceber o vivenciado. Elas constroem seus saberes e negociam os espaços de poder. Nessas relações de poder, assumem suas práticas enquanto feministas e católicas, dentro e fora da instituição hierárquica.

Trata-se de uma produção de saber, uma vez que ocorre dentro e fora da lógica da tradição patriarcal e da moral católica. Contudo, o constituir-se sujeito feminino de saber aparece conectado com os novos significados que elas produzem para a autonomia que resultam, não só das práticas de resistência nas comunidades, com mulheres que sofrem violência, mas também por meio da autorrepresentação de si. Ao falarem, elas constroem narrativas reflexivas, em que selecionam e interpretam de forma coerente e crítica as suas ações e experiências na relação com os códigos normativos.

Analisamos os saberes tanto da Igreja Católica quanto da Teologia Feminista e compreendemos que são poderes distintos, mas que se relacionam. A estratégia tem o poder sobre o espaço e as práticas de resistência têm o poder sobre o tempo, e a partir dessas relações de poder criam-se produções de saberes e de jogos. Sendo assim, compreendemos que ambas exercem poder, mas a partir de um lugar diferente. Este poder advém de um lugar onde a prática acontece e as tensões tornam-se necessárias para que haja várias produções de saberes e culturas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Ramos – Solange. **O Catolicismo Popular na revista Eclesiástica brasileira (1963- 1980)**. 1 ed. Paraná: Editora Maringá, 2012.

AYUB, Paulo- João. **Introdução à Analítica do poder de Michel Foucault**. 1.ed. São Paulo: Editora Intermeios, 2015.

AZEVÊDO, Sandra Raquew S. Chimalmans e a teologia em ritmo de mulher. **Mandrágora**, São Paulo, v. 20, n. 20, p.199-200, 2014. Disponível em: <: <http://dx.doi.org/10.15603/2176-0985/mandragora.v20n20p199-200>>. Acesso em: 16 out. 2018.

BARROS, Marcelo. A Delicada arte de subverter relações: Ivone Gebara, mística e teóloga da libertação ecofeminista. **Mandrágora**, São Paulo, v. 20, n. 20, p.147-156, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15603/2176-0985/mandragora.v20n20p147-156>>. Acesso em: 16 out. 2018.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense,1994, p. 197-221

BONDÍA, Jorge Larrosa. 20 Jan/Fev./Mar/Abr. 2002 N° 19, Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação** Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Lingüística, v. 19, p.20-28, jan./2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2018.

CAVALCANTE, Alcilene; XAVIER, Dulce (Org.). **Em defesa da vida**: aborto e direitos humanos. São Paulo: Católicas Pelo Direito de Decidir, 2006. 228 p.

DEL PRIORE, Mary **História das mulheres no Brasil**. 9 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

FELIX, Isabel Aparecida. Um fazer teológico enraizado na experiência. **Mandrágora**, São Paulo, v. 20, n. 20, p.73-83, 2014. Disponível em:<: <http://dx.doi.org/10.15603/2176-0985/mandragora.v20n20p73-83>>. Acesso em: 16 out. 2018.

FERREIRA, Benedita Aguiar; MAGALHÃES NETO, José Vaz. Teologia feminista e os discurso de resistência ao poder hierárquico. In: FERREIRA, Benedita Aguiar; MAGALHÃES NETO, José Vaz. **Fazendo gênero diásporas, diversidades, deslocamentos**, 9., 2010, Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina: UFSC, 2010. p. 1 - 9. Disponível em:<<http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/site/anaiscomplementares#B>>. Acesso em: 16 out. 2018.

FOUCAULT, Paul-Michel. **Microfísica do poder** 6.ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Editora paz e terra, 2017.

FOUCAULT, Paul-Michel. **Coleção Ditos e Escritos**: Estratégias de Poder Saber. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2015.

FOUCAULT, Paul-Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. 2º ed. – São Paulo: Editora Paz e Terra, 2015.

FOUCAULT, Paul-Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território, População**. Trad. Eduardo Brandão. SP: Martins Fontes, 2008.

FURLIN, Neiva. **Práticas discursivas, desigualdade de gênero e estratégias de resistência política na experiência de teólogas docentes**. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais: UFJF, Juiz de Fora, v. 10, n. 1, p.86-100, jun. 2015.

GEBARA, Ivone. **Tecendo sentidos- Feminismo e buscas teológicas / Católicas pelo direito de decidir**. 2 ed. São Paulo: Maxprint, 2012.

GÓMEZ, Josefa Buendía; OROZCO, Yury Puello. A teologia feminista de Ivone Gebara e católicas pelo direito de decidir. **Mandrágora**, São Paulo, v. 20, n. 20, p.101-110, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15603/2176-0985/mandragora.v20n20p101-110>>. Acesso em: 16 out. 2018.

HEINEMANN, Ranke – Uta. **Eunucos Pelo Reino de Deus – mulheres, sexualidade e a Igreja Católica**. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1999.

HUNT, Mary. Mulher fiel em uma igreja infiel (Festschrift para Ivone Gebara). **Mandrágora**, São Paulo, v. 20, n. 20, p.157-174, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15603/2176-0985/mandragora.v20n20p157-174>>. Acesso em: 16 out. 2018.

JOSGRILBERG, Fabio. **Cotidiano e invenção – Os espaços de Michel de Certeau**. 1.ed. São Paulo: Editora Escrituras, 2005.

JURKEWICZ, Soares- Regina. **Entre dogmas e direitos: religião e sexualidade**. 1.ed. Jundiaí: Maxprint, 2017.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz, p.4-27, 27dez., 2011. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444/1898>>. Acesso em: 16 out. 2018.

PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. Tradução: Denise Bottmann. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

SOUSA, Maria Goreti da Silva; CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. **A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores**. **Revista Horizonte**, Teresina, v. 33, n. 2, p.149-158, jul/dez 2015.

SCOTT. J. W. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n. 2. Jul./dez. 1989

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha mãe, Zilnara Lopes de Moraes, porque se não fosse pelo seu apoio desde a minha infância, influenciando-me e incentivando-me para estudar, não estaria aqui, obrigada pelo empenho e pela força.

Ao meu pai, Genival Bezerra da Costa (*in memoriam*), que sempre me apoiou nos estudos e em todas as minhas escolhas. Ele sempre procurou me entender. E foi graças as suas histórias que fez com que eu me apaixonasse por essa área do conhecimento. Sentia sua presença ao meu lado em cada texto sobre a História da Paraíba, e embora fisicamente ausente, sinto sua presença dando-me força todos os dias.

A minha irmã Geovana Stefani Lopes Bezerra, por sempre está ao meu lado me ouvindo e me dando força para continuar minha caminhada nos estudos. Ela sempre me incentivou e acreditou na minha capacidade, obrigada por toda compreensão e amor.

A minha avó Celina Lopes de Moraes, e ao meu avô José Luiz Lopes de Moraes, agradeço em especial, estes nunca me deixaram perder a esperança, sempre tinham as palavras certas para me aconselhar.

Aos meus familiares agradeço, porque, sempre que possível, também me ajudaram nessa caminhada, obrigada pela dedicação.

Agradeço aos meus professores, que me indicaram leituras e tiveram paciência de me ensinar, contribuindo assim, ao longo desses anos, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento tanto profissional quando pessoal, para que hoje pudesse está concluindo o curso de História.

À professora Jussara Bélen agradeço todo apoio, paciência, motivação e todas as leituras que contribuíram para que hoje pudesse apresentar a atual pesquisa.

À professora Jussara Costa agradeço pelo tema sugerido e as leituras que tanto facilitaram a minha compressão, obrigada pelo apoio.

Agradeço a Marinalda Farias e Marizalva Farias por ter me dado a oportunidade de lecionar pela primeira vez na sua escola. Foi a partir dessa experiência que tive a convicção de que queria ser professora, obrigado por abrir as portas sempre que possível, agradeço pelo apoio.

Agradeço as mulheres que participam desse trabalhando, dando suas entrevistas para a fundamentação desta pesquisa, obrigada pela confiança e carinho.

Agradeço aos meus amigos Cezar Ferreira e Rafaela Galvão, estes sempre estiveram ao meu lado, obrigada pelo apoio.

Agradeço a Laís Oliveira por sua dedicação em me ajudar a percorrer os caminhos durante a graduação, obrigada por todos os debates acadêmicos.

A Gustavo Cruz, por ser meu companheiro de todas as lutas, obrigada pelo seu apoio.

Aos colegas de curso pelos momentos de apoio nas horas difíceis. Grata pelas discussões. Agradeço a Ana Karolline, Luan Beckmen, Lucas Medeiros, Francine, Syvylla Araújo e Danilo, Jhonny, Yuri, Leandro, Desireê. Obrigada pelos debates e confrontos ao longo desses anos, pois foram de extrema importância para minha formação pessoal e profissional.

Agradeço a todos os meus amigos Allane, Kaline, Ruthe, Mayara, Bianca, Yorrana, Sabrina, Gabriela, Milena, Caio, Felipe, Madureira, Jesus, Paulo, Willis, Guedes, Rodolfo, Renan, Tadzio, pelos momentos de amizade e apoio, pelas discussões e conversas que me abriram tanto o pensamento, obrigada pelas confraternizações que por sinal são muito produtivas.

Agradeço a Neide da cantina, por sempre ouvir as nossas lamentações e as nossas vitórias no curso. E até mesmo quando ficávamos doentes, ela preparava um chazinho, obrigada pela dedicação e carinho.

Por fim, e não menos importante, também agradeço à coordenação do curso de História, por seu empenho.